



FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR DE BÚZIOS – UM TERRITÓRIO DE (RE)EXISTÊNCIA

Gustavo da Cunha Guterman ¹
Prof^ª Dr^ª Erika Vanessa Moreira Santos ²

RESUMO

A presente pesquisa discorre sobre a ocupação do território do município de Armação dos Búzios, que teve como motivação principal a exploração do espaço a partir da turistificação e da especulação imobiliária. O estudo tem por objetivo relacionar a história da Feira da Agricultura Familiar de Búzios, como um possível território de (re)existência da cultura alimentar contemporânea, a partir da trajetória dos povos tradicionais da região (e o seu apagamento sistêmico) e o contexto dos conflitos pela terra na região, trazendo reflexões sobre o projeto de ocupação e uso do território e suas consequências para a alimentação e gastronomia local. Para tanto, estão sendo realizados levantamentos bibliográficos acerca dos temas centrais da pesquisa, relacionando conceitos como o território, hábitos alimentares, agricultura familiar e cultura alimentar, com materiais documentais sobre o contexto histórico de Búzios e dos conflitos agrários da região, além de levantamentos normativos tendo por base o plano diretor municipal. Diante do retrato da concentração fundiária e do avanço dos regimes corporativos alimentares, a terra deixou de ser vista como fonte de vida e de pertencimento. Uma das formas de enfrentamento a esta situação, é a construção de territórios de (re)existência, que tenham por objetivo a valorização das produções alimentares locais, sendo a Feira da Agricultura Familiar de Búzios um exemplo de território de resistência.

Palavras-chave: Território, Cultura Alimentar, Gastronomia, Agricultura Familiar, Armação dos Búzios.

RESUMEN

La presente investigación discurre sobre la ocupación del territorio del municipio de Armação dos Búzios, que tuvo como motivación principal la explotación del espacio a partir de la turistificación y la especulación inmobiliaria. El estudio tiene por objetivo relacionar la historia de la Feria de la Agricultura Familiar de Búzios, como un posible territorio de (re)existencia de la cultura alimentaria contemporánea, a partir de la trayectoria de los pueblos tradicionales de la región (y su apagamiento sistémico) y el contexto de los conflictos por la tierra en la región, trayendo reflexiones sobre el proyecto de ocupación y uso del territorio y sus consecuencias para la alimentación y gastronomía local. Para ello, se están realizando estudios bibliográficos acerca de los temas centrales de la investigación, relacionando conceptos como el territorio, hábitos alimentarios, agricultura familiar y cultura alimentaria, con materiales documentales sobre el contexto histórico de Búzios y de los conflictos agrarios de la región, además de levantamientos normativos teniendo por base el plan director municipal. Ante el retrato de la concentración de la tierra y el avance de los regímenes corporativos alimentarios, la tierra dejó de ser vista como fuente de vida y de pertenencia. Una de las formas de enfrentamiento a esta situación, es la

¹ Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes e professor do Instituto Federal Fluminense, *Campus* Cabo Frio . gustavoguterman@id.uff.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes erikamoreira@id.uff.br



construcción de territorios de (re)existencia, que tengan por objetivo la valorización de las producciones alimentarias locales, siendo la Feria de la Agricultura Familiar de Buzios un ejemplo de territorio de resistencia.

Palabras clave: Território, Cultura Alimentar, Gastronomia, Agricultura Familiar, Armação dos Búzios.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe apresentar os motivos que levaram a aparente invisibilização da cultura alimentar do município de Armação dos Búzios, frente a ocupação e uso do território, tendo como recorte temporal desde o período de sua emancipação até o contexto atual. O principal objetivo é trazer à luz da discussão, a relação da (in)visibilização da cultura alimentar do município de Armação dos Búzios, a partir da Feira da Agricultura Familiar de Búzios.

Por ser indispensável para o trabalho entender os processos que levam ao tema central deste estudo, a pesquisa discorre sobre possibilidades para o provável apagamento da cultura alimentar local e dialeticamente apresenta um dos territórios de resistência da cultura alimentar do município, a Feira da Agricultura Familiar de Búzios (fruto de uma articulação de agricultores do município e da região, antes mesmo de sua emancipação). A história da feira está totalmente articulada ao contexto de conflitos pela terra na região, pois sua existência é decorrente do esforço e organização de agricultores familiares que buscaram, por meio desse espaço, uma forma de visibilidade e valorização da sua cultura alimentar.

O trabalho tem o desafio de trazer um olhar interdisciplinar, tendo feira como um espaço político e social de (re)existência, que contribui para a construção de um pensar a comida de território, como uma ferramenta de preservação da cultura alimentar, baseada na história do seu povo, sua luta política e na valorização de seus hábitos e costumes.

A pesquisa se subdivide em 3 partes. Na primeira será abordada a percepção quanto a importância do território e das territorialidades para compreender Búzios e suas identidades (territorialidades). Neste contexto, é utilizado como recorte temporal central, a emancipação do município (1995), até a atualidade (2021). Todavia, para que se possa contextualizar a construção histórica do território, será apresentado, ainda que de maneira resumida, um panorama histórico das primeiras ocupações humanas no território (século XVI) até os dias atuais, para que seja possível compreender os ciclos de povoamento ao longo do tempo e a relação das gerações com sua terra.



No segundo momento será apresentado, comparativamente, a ocupação recente do território e o histórico da luta agrária na região, a partir da criação da primeira feira de produtores rurais até a formação da atual Feira da Agricultura Familiar de Búzios. Será debatida de que forma o *território Feira* dialoga com a produção alimentar do município e do seu entorno, ao considerá-la não somente como um espaço de consumo, mas também como uma construção política para a valorização da cultura (alimentar) local.

Na última parte, será apreendido quem são os atores sociais e políticos que atuam na feira, quais são suas estratégias territoriais e suas relações com a cultura alimentar local. Para isso, a partir de uma conceituação histórica que remonta a emancipação do município, será explorado o conceito de atores sociais e políticos para, posteriormente, contextualizando suas estratégias a partir da feira até suas influências nas políticas públicas municipais, relacionando-as no contexto do turismo gastronômico e seus impactos nos restaurantes e hábitos alimentares locais.

METODOLOGIA

O presente trabalho visa analisar, a partir de uma pesquisa exploratória qualitativa, a Feira da Agricultura Familiar de Búzios e sua relação com a cultura alimentar, frente aos desafios da produção alimentar e da preservação da memória histórica de sua população. O levantamento bibliográfico tem sido fundamental para a compreensão dos temas presentes na pesquisa. A partir das bibliografias está sendo possível apreender e relacionar os conceitos de cultura alimentar com os hábitos alimentares tradicionais e a resistência de agricultores, caiçaras e quilombolas. A investigação está tendo como foco a seleção de materiais documentais sobre o contexto histórico de Búzios, sobretudo àquelas que estão diretamente vinculados ao uso da terra, a pesca, agricultura familiar e aos territórios dos povos tradicionais, os relacionando as possíveis políticas públicas.

Já o levantamento normativo tem como base o plano diretor do município, a lei do perímetro urbano, a lei de zoneamento e outras legislações cuja finalidade está sendo de identificar e compreender as relações entre a gestão pública local e os empresários de alguns setores-chave para a presente investigação.

Também vem sendo efetivado o levantamento e a análise de materiais históricos sobre os conflitos agrários, em especial com a liderança de Sebastião Lan.³ Essa contextualização é

³ Sindicalista rural falecido em 1988



fundamental para compreender a Feira da Agricultura de Búzios como peça-chave da pesquisa, pois foi justamente a partir de sua recriação e ampliação, que possibilitou-se observar uma provável falta de políticas públicas para a agricultura familiar municipal, uma vez que grande parte dos feirantes é de municípios vizinhos, devassando uma agenda de uso do solo no território.

Por fim, todo o material está sendo sistematizado e analisado à luz da importância da cultura alimentar e da valorização dos territórios de (re)existência desta cultura, em especial, a Feira da agricultura Familiar de Armação dos Búzios.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para que seja possível discutir o *território Feira* e a comida deste território, é necessário compreender os conceitos que embasam tal estudo. São eles: o território, a territorialidade e a cultura alimentar. Segundo o geógrafo Raffestin (1993), é essencial compreender que o espaço é anterior ao território, ou seja, ele se forma a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação.

Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço. Lefebvre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, autoestradas e rotas aéreas etc. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si (RAFFESTIN, 1993, p. 143)

Já Haesbaert (2004) explica que o território é um espaço de relações de poder. Este poder não se resume ao local. Se olharmos para o território feira, veremos que, segundo o referido autor, "carrega uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominantemente econômico-política" (HAESBAERT, 2004, p. 74). A Feira é multiterritorial, pois, além de um local de escoamento da produção dos agricultores de Búzios (e de municípios vizinhos), é um espaço de encontro de moradores e turistas.

Um ambiente de convivência de quem produz, transforma e se alimenta. Há neste território em si, uma concepção multiescalar, algo híbrido seja entre o mundo material e o mundo ideal, seja entre a natureza e a sociedade, em suas múltiplas esferas (econômica, política



e cultural) (HAESBAERT, 2004, p. 76–77). Um território cultural, em que artesãos, músicos, dançarinos, professores, pesquisadores, agricultores e cozinheiros transformam objetos, notas musicais, movimentos, experiências e alimento em conhecimento e cultura. Desse modo, o território abarca o “espaço de identidade cultural, instrumento de um grupo cultural e/ou religioso”, mas também é configurado como instrumento do poder político (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p.5).

Saquet (2013), nesta mesma linha, nos lembra que o “território é organizado pela sociedade, que transforma (humaniza) a natureza, controlando certas áreas e atividades, política e economicamente”(SAQUET, 2013, p. 51). O território é sempre múltiplo, diverso e complexo, ao contrário do território unifuncional reproduzido pela lógica capitalista hegemônica. É neste território que são encontrados tensionamentos a partir das disputas de poder. Saquet (2013) afirma que o poder é produzido nas relações, em cada instante; não é uma instituição, mas o nome que se dá a uma situação complexa da sociedade. Lembra que este poder (exercido por grupos hegemônicos com agendas próprias) moldam de relações econômicas até mesmo aquelas ligadas ao conhecimento. Toda via, onde há poder, há resistência. (SAQUET, 2013, p. 32) E, nesta resistência, a Feira territorializa-se, ao construir e controlar fluxos e redes em um espaço em movimento e pelo movimento, dotado de significado, de expressividade para quem o constrói e para quem dele usufrui (HAESBAERT, 2004, p. 280–281).

Numa distinção muito interessante entre território como recurso e território como abrigo, Milton Santos afirma que, enquanto para os atores hegemônicos o território usado é recurso, garantia de realização de seus interesses particulares”, para os “atores hegemonzados” trata-se de “uma abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares (HAESBAERT, 2004 p.59).

A territorialidade corresponde à tentativa de um grupo ou um indivíduo de influenciar ou controlar outras pessoas e fenômenos” (SACKS *apud* SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p.5). Essa territorialidade é dialética no contexto do presente trabalho, pois ela está presente tanto nas ações dos atores hegemônicos, quanto na construção do *território Feira* (a partir das apresentações de novas propostas de diálogos com produtores e produtos). A feira, para além



de um território de resistência, também se apresenta como um espaço de hibridismo cultural.⁴ Tal hibridismo é facilmente identificável na Búzios do início do século XXI. Um território de inúmeros idiomas, com diferentes cardápios que dialoga diretamente com seu próprio histórico de ocupação desde o século XVI. Segundo o jornalista Marcelo Sebastian Lartigue⁵, foram catalogadas no início dos anos 2000, mais de 50 nacionalidades entre os moradores de Armação dos Búzios.

Mas o que é a Cultura? Conceitualmente, o filósofo e escritor Terry Eagleton, em seu livro intitulado “A ideia de cultura”, explica que cultura deriva da natureza, tendo como uma de suas origens etimológicas a *lavoura*, ou *cultivo agrícola*. (EAGLETON, 2005, p. 10) Para o filósofo, a cultura também pode ser caracterizada como “um conjunto de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 54). O autor também destaca que:

"Não vivemos apenas da cultura. Também vivemos para a cultura. Os sentimentos, a convivência, a memória, a relação familiar, o lugar, a comunidade, a plenitude emocional, o prazer intelectual e a sensação de que tudo tem um sentido, são-nos mais próximos do que as declarações de direitos do homem ou os tratados comerciais." (EAGLETON, 2005, p. 167)

O biólogo Atila Iamarino observa que a cultura é um organismo vivo, dependente de uma renovação permanente (a partir de um fluxo constante de pessoas) que possibilitam continuidade de conhecimentos adquiridos no passado, entretanto, proporcionando novas ideias sem que haja a perda daquelas que merecem ser mantidas. Pois, segundo o biólogo, é justamente este fluxo que garante sua continuidade, uma vez que ela é viva e vivida.

Iamarino lembra que não é pela inovação que a cultura se perde, pelo contrário. É justamente pela percepção de que, em sendo viva, é necessária que haja oxigenação para a manutenção do seu funcionamento. As mudanças culturais são próprias daquilo que é vivido e compartilhado por pessoas. Todavia, com o discernimento de que nem tudo deve ser mudado,

⁴ Nestor Garcia Canclini, antropólogo argentino, em sua obra “Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade”, caracteriza hibridismo cultural como sendo um processo em que duas culturas antes distintas se mesclam abrangendo aspectos culturais, econômicos e políticos. O autor afirma que isso afeta a forma como se produz e reproduz bens simbólicos, o que gera uma nova configuração cultural. (CASSÃO; FERREIRA; PRANDI, 2018, p. 47)

⁵ Documentário Praia de Babel Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h92Zi5xUeqs&ab_channel=OPer%C3%BAMolhado (LARTIGUE, 2012). Acesso em: 11 out. 2020



principalmente aquilo que funciona, na simbiose do homem com a natureza e sua sociabilidade. (IAMARINO, 2018)

Já para o neurocientista Michel Desmurget, a cultura pode ser definida “como um corpo de conhecimento que nos ajuda a organizar e compreender o mundo” (VELASCO, 2020). Isto posto, é nítida a percepção de que a cultura funciona como um agente agregador do tecido social, sendo a maior expressão de identidade e representação de um povo em um território. Logo fica claro que não existe população sem cultura. O ato da convivência de um povo em seu território e a criação de linguagens particulares, propicia uma conexão identitária nomeada de cultura. É sabido também, que não existe vida sem alimento. Então, se é a partir destas interações orais e não orais, que se originam a identidade de um grupo em um determinado local, é justamente na alimentação que estas interações ganham uma das maiores sínteses do vínculo com seu território. A relação de um povo com sua terra, ao longo de sua história, propicia o desenvolvimento de técnicas, hábitos e costumes alimentares, a qual denominamos de cultura alimentar.

A produção de alimento local, caso não seja artificializada por químicas e tecnologias agrícolas (objetivando produções de larga escala), será demarcada por índices naturais locais bem específicos como: a qualidade de seu solo; índices pluviométricos e médias de temperatura (indicadores que ao serem cruzados determinam o bioma ao qual o território está inserido). Contudo, estas particularidades atendem somente parte da característica do território. É a partir do passado e presente da sociedade que ali vive, que conseguimos materializar a cultura alimentar. Pois é justamente a soma das características naturais do meio (bioma) aliado as técnicas desenvolvidas (em grande parte pela necessidade de subsistência), que um grupo concebe sua sociobiodiversidade⁶ e produz um alimento único, que o identifica e os destaca dos demais.

Diante do exposto, a presente pesquisa não tem por intenção compreender a cultura alimentar do município como algo estático e pertencente ao passado. Como já dito anteriormente, a partir da fala do biólogo Atila Iamarino, a cultura tem por característica fundante o diálogo com o passado, a partir do presente, para a construção de um futuro. Ou seja, a cultura é algo vivo e pulsante. O gosto é produto da cultura alimentar, resultado de uma realidade

⁶ Sociobiodiversidade é um conceito que envolve a relação entre a diversidade biológica, os sistemas agrícolas tradicionais (agrobiodiversidade) e o uso e manejo destes recursos junto com o conhecimento e cultura das populações tradicionais e familiares. (“Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade”, 2009)



coletiva e partilhável, sendo a comida de território, o resultado de um processo lento de fusões e mestiçagens (MONTANARI, 2008, p. 10).

Contudo, o avanço da mercantilização da paisagem a partir do processo de turistificação⁷ no município de Armação dos Búzios, que traz como consequência, o uso quase que exclusivo do solo para fins imobiliários, aliado ao avanço dos regimes alimentares corporativos⁸, que alteram os hábitos alimentares, desvinculando do território seus produtos, tanto pelo ponto vista produtivo, quanto pelas suas representatividades histórico-cultural (além de provocarem a longo prazo diversos distúrbios alimentares já conhecidos) corroboram com uma progressiva invisibilidade da cultura alimentar local.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O recorte espacial é o município de Armação dos Búzios, situado na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro. Localizado a 160 km da capital do Estado, com uma população estimada em 35.060 habitantes, o município teve seu processo de emancipação no ano de 1995 (IBGE, 2020). O município de Armação dos Búzios (RJ) representado na figura 1 se formou a partir de uma vila de pescadores, sendo esta a principal atividade econômica até o início da década de 1970. Foi justamente a partir deste período que, por meio da modernização das estradas (a ponte Rio Niterói é inaugurada em 4 de março de 1974), foi possível observar melhorias na infraestrutura do então 3º distrito de Cabo Frio. Com o início destas melhorias,

⁷ O fenômeno da generalização espacial do turismo ou a turistificação de lugares (termo trabalhado no campo da geografia) corresponde à acomodação do território para a finalidade turística. Entendemos que os processos que relacionam-se a esse fenômeno, derivam ou expressam a transnacionalização no nosso estudo de caso, em específico. (XAVIER, 2006, p. 64)

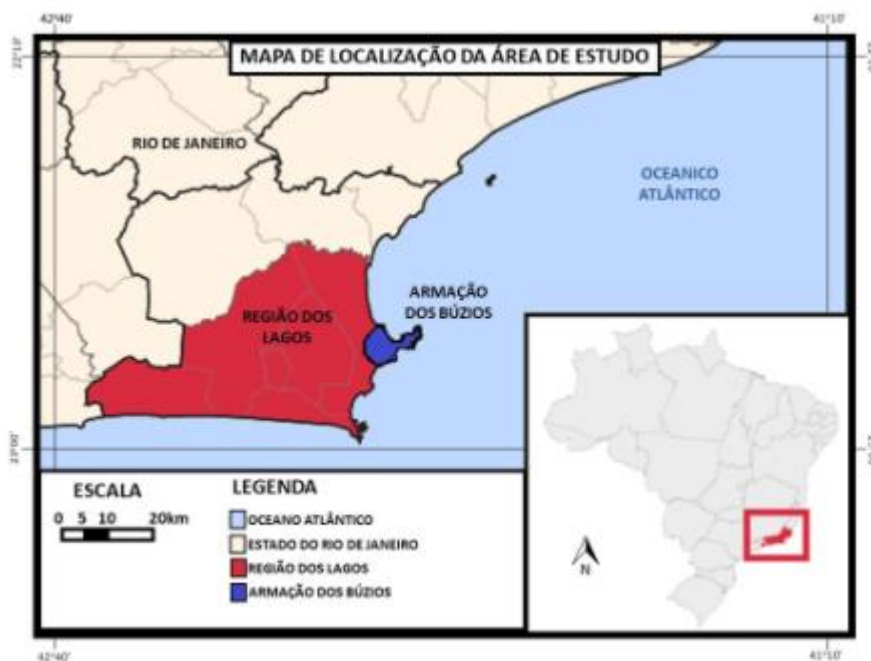
⁸ As características desse regime representam, principalmente, um viés neoliberal e globalizante, com uma governança enfocada na desregulação e livre mercado. No regime alimentar corporativo, as corporações transnacionais são os principais “atores do jogo”, que tomam as decisões e imprimem uma pressão na dieta alimentar global focada em alimentos processados e industrializados, em uma produção agrícola focada no aumento da produtividade a partir de pacotes tecnológicos, como biotecnologia. Esse regime alimentar corporativo representa um modelo de desenvolvimento neoliberal aplicado na América Latina que promoveu crescimento econômico, mas também um aumento da desigualdade social, pobreza, danos sistemáticos irreversíveis no ecossistema, ameaçando as funções vitais da natureza e a reprodução da vida, levando ao “mau desenvolvimento” e gerando uma crise na qual a sobrevivência da espécie humana está ameaçada. (...) Esse fenômeno, que pode ser caracterizado como uma transição alimentar envolveu macro processos que impactaram nos aspectos sociais, econômicos, cultural e territorial, e que, embora tenham adquirido uma nuance particular em cada um a partir dos processos de crise e reestruturação capitalista, sempre mantêm o eixo de articulador e organizador a lógica do capital. (...) A lógica do capitalismo tornou-se o princípio organizador na maioria dos territórios. Em particular, o regime corporativo alimentar, como expressão concreta dessa lógica, promove a padronização cultural do alimento. (CORBARI *et al.*, 2020, p. 32 e 33)



foi possível observar um crescimento demográfico exponencial (136%) entre a década de 1950 e 1990. (XAVIER, 2006, p. 31) , evidenciando a construção de um município voltado à especulação imobiliária e mercantilização da paisagem.

Desse modo, com investimentos de particulares, o lugarejo abriu suas “portas” para os visitantes, permitindo a exequibilidade dos loteamentos e a venda de terrenos. Assim, inaugura-se a veia econômica moderna da cidade vinculada ao turismo de veraneio, à divisão e à internacionalização de suas terras. (...) A década de 50 assistiu a uma série de investimentos técnicos e em infraestrutura básica, executados, principalmente, por particulares, representantes da classe dominante. Eis que entre os veranistas da burguesia nacional e estrangeira, atraídos pelos relatos dos que lá estiveram, chega ao lugarejo a mais famosa e desejada atriz francesa, Brigitte Bardot, em 1964 (Brigitte Bardot se hospedou em Búzios duas vezes em 1964). Esse fato constituiu, sem dúvida, a grande inflexão e marco histórico simbólico da projeção transescalar de Búzios. (XAVIER, 2006, p. 59–60)

Figura 1: Localização da área estudada.



Fonte: Realizado pelo autor a partir do mapa encontrado no link

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e7/RiodeJaneiro_Micro_Lagos.svg



Segundo o Ministério do Turismo, o município é considerado um dos 5 maiores destinos de turistas que visitam o país.⁹ Búzios conta com mais de 200 restaurantes¹⁰, apesar de seus cardápios, majoritariamente, terem pouca relação com a produção alimentar local (contemporânea e histórica).

O poder público local utiliza a expressão de “cidade turística gastronômica” para atrair visitantes para o município que possui inclusive um dos Festivais de Gastronomia mais conhecidos do Estado. Tais questões aprofundam ainda mais a discussão sobre a valorização da cultura alimentar local e os territórios de re (existência). O forte apelo da mercantilização da paisagem, que vincula a exploração do “turismo de paisagem” como única possibilidade econômica, não possui apenas um impacto econômico desigual para grande parcela da população (que se torna mão de obra barata para uma pequena parcela de empresários), mas também modifica profundamente as relações das pessoas com sua alimentação, a partir da perspectiva produtiva do seu território. Muita desta paisagem natural comercializada, baseada em uma ideia exclusiva de cidade turística produz um alto custo de vida (excludente) para seus moradores, sendo um contraponto a essa elitização, a existência da Feira da Agricultura Familiar de Búzios.

Antes da citada emancipação, Armação dos Búzios possuía uma feira de agricultores que tinha como um grande apoiador um conhecido sindicalista da região chamado Sebastião Lan. Sebastião foi um dos grandes responsáveis da luta trabalhista e social de Cabo Frio, e militante pela questão agrária. Lan é sempre lembrado por sua história de luta em defesa dos trabalhadores rurais da região. E foi justamente por essa luta, que no dia 06 de junho de 1988, véspera de sua ida à Brasília para entrega de um relatório ao Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, sofreu um atentado e veio a falecer aos 46 anos de idade (MILTON ALENCAR JR., 2015).

Contudo, o trabalho de Lan deixou um legado importante para a região, pois 26 anos depois, renascia um importante movimento da agricultura local: a Feira da Agricultura Familiar de Búzios. Essa que começou com 20 barracas, hoje conta com mais uma centena. Distribuídas em duas grandes áreas, uma voltada para produtos agrícolas e minimamente processados¹¹ e

⁹ Site oficial do Ministério do (TURISMO, [s.d.]) <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5705-rio-destino-preferido-dos-estrangeiros-que-v%C3%AAm-ao-brasil.html> Data de acesso em: 01/11/2020

¹⁰ Dados obtidos a partir da Lista de Estabelecimentos de Alimentação em Armação Dos Búzios – 2021 enviados pela Secretaria de Turismo do Município em 27 de Julho de 2021

¹¹ Alimentos minimamente processados - alimentos in natura que sofreram alterações mínimas na indústria, como moagem, secagem, pasteurização etc. Exemplos: verduras, legumes e frutas (frescas ou



outra voltada para o artesanato. Para além da relação com os hábitos alimentares, a feira inaugura um espaço de convívio de uma população que se sente preterida nos estabelecimentos e espaços de seu próprio município, por conta do já citado alto custo de vida local.

A feira se constitui um espaço político de resistência, composta não somente por agricultores do município, como também àqueles advindos da região da baixada litorânea fluminense. Reúnem pequenos produtores locais da parte continental e peninsular do município, que se dedicam à produção de hortaliças, legumes, frutas, galinhas e ovos, aipim, geleias, doces, pães e bolos caseiros. Segundo alguns feirantes, a falta da presença dos caiçaras se dá, entre outros motivos, pela falta de políticas públicas que os auxiliem na organização de novas frentes de trabalho para comercialização de seus produtos (para além dos mercados de peixe espalhados em alguns pontos do município, tendo sua maior concentração no Centro Gastronômico do Porto da Barra, localizado no Bairro de Manguinhos).

A Feira está localizada na Praça Benedita Santos da Silva¹² (Praça da Ferradura, área central (figura 2) e acontece todos os sábados das 8hs até as 15hs e nas quintas das 19hs até meia noite. Nos sábados, é uma feira de produtos orgânicos e artesanato. Já nas quintas-feiras, a feira se transforma em um espaço cultural multifacetado, com barracas voltadas para a gastronomia, o artesanato e com shows ao vivo, ou a presença de uma DJ permanente da feira, fazendo da rua, uma pista de dança.

Figura 2: Imagens de localização da Feira no município de Armação de Búzios (RJ)

secas); tubérculos (batata, mandioca etc.); arroz; milho (em grão ou na espiga); cereais; farinhas; feijão e outras leguminosas; cogumelos (frescos ou secos); sucos de frutas (sem açúcar ou outras substâncias); leite; iogurte (sem açúcar ou outras substâncias); ovos; carnes; pescados; frutos do mar; castanhas (sem sal e açúcar); especiarias e ervas frescas ou secas; macarrão ou massas (feitas com farinhas e água); chá, café e água. - Guia alimentar para a população brasileira - (BRASIL, 2014, p. 25)

¹² Antiga moradora do município de Armação dos Búzios, conhecida localmente como 'Vó Dita' ou 'Dona Dita'.



Fonte: Realizado pelo autor a partir do *Google Maps*

Contudo, foi na pandemia que a Feira da Agricultura Familiar de Búzios se solidificou como ideia alternativa à alimentação, extravasando a necessidade de um endereço fixo para sua existência e interação com população. Foi neste momento que a relação do feirante com a população foi percebida como algo que transcende a simples venda de um bem de consumo.

Com a necessidade de erradicar qualquer aglomeração de pessoas, com o início da pandemia da COVID-19, em março de 2020, a Feira teve que parar de atender ao público na praça. Esta medida iria impactar diretamente a vida dos feirantes. Já para os consumidores da feira, os itens que ali eram comprados, poderiam ser adquiridos em qualquer supermercado local, que mantinham suas portas abertas, com restrições quanto ao número de clientes. Mas a feira não poderia ser mantida.

Primeiro porque o controle de “entrada” de pessoas não poderia ser feito, segundo porque grande parte dos feirantes (agricultores) são idosos – grupo considerado de alto risco segundo pesquisas científicas¹³. Foi neste momento que, diante da realidade imposta pela pandemia, os feirantes se organizaram, e com o auxílio das ferramentas disponíveis, transformaram a Feira da Agricultura Familiar de Búzios, em uma Feira virtual.

¹³ Estimando a gravidade clínica de COVID-19 a partir da dinâmica de transmissão em Wuhan, China - *Nature Medicine* - (WU et al., 2020)



Mesmo com a disponibilidade de inúmeros pontos de venda de hortifrutigranjeiro no município, os consumidores da Feira se mantiveram assíduos nas compras (que passaram a serem feitas a partir da publicização das listas de insumos de cada feirante - via redes sociais; e organização dos pedidos - via aplicativo de mensagem). O pagamento foi viabilizado via *internet* (por depósito bancário / cartão de crédito) com a possibilidade da entrega em casa ou coleta dos produtos adquiridos (que eram organizados em cestas) e disponibilizados em um ponto de distribuição indicado. Para além da simples relação de oferta e procura, em entrevista para esta pesquisa, Hamber Carvalho (organizador da feira), afirmou que, com as mudanças necessárias para a continuidade do escomento das produções (migrando para o comércio virtual), foi possível identificar duas importantes consequências dos laços que a Feira conseguiu pavimentar ao longo dos seus anos de vida até aquele momento.

A primeira consequência observada foi a preocupação dos frequentadores desde o início com a própria alimentação, uma vez que sabiam que os produtos comercializados na Feira eram não somente de qualidade, como também livres do uso de agrotóxico em sua produção.

O segundo ponto, diz respeito a consciência da necessidade de continuidade das compras, uma vez que aquele comércio para a maioria dos feirantes (que são agricultores) significa a única forma de geração de renda. Isto posto, a falta da assiduidade dos compradores geraria um impacto incomensurável na vida de todos da feira (incluindo seus familiares). Esta consciência foi trabalhada durante todo o processo de migração para o comércio on-line e abraçada por todos os assíduos frequentadores. Segundo Carvalho, a Feira da Agricultura Familiar de Búzios foi a única em toda Região dos Lagos que se manteve ativa em toda pandemia, respeitando o distanciamento social e entregando comida de qualidade, livre de veneno, propiciando o sustendo de agricultores de Búzios e de municípios vizinhos, a partir dos rígidos protocolos sanitários necessários para o período.

Tais consequências supracitadas remetem diretamente ao conceito de Segurança Alimentar¹⁴. Garantir a segurança alimentar tanto para os frequentadores quanto para os

¹⁴ O termo "Segurança Alimentar" começou a ser utilizado após o fim da Primeira Guerra Mundial. Com a traumática experiência da guerra, vivenciada sobretudo na Europa, tornou-se claro que um país poderia dominar o outro controlando seu fornecimento de alimentos. A alimentação seria, assim, uma arma poderosa, principalmente se aplicada por uma potência em um país que não tivesse a capacidade de produzir por conta própria e suficientemente seus alimentos. Portanto, esta questão adquiria um significado de segurança nacional para cada país, apontando para a necessidade de formação de estoques "estratégicos" de alimentos e fortalecendo a ideia de que a soberania de um país dependia de sua capacidade de autossuprimento de alimentos. O entendimento de que a questão alimentar está estritamente ligada à capacidade de produção, manteve-se até a década de setenta. Na 1^o Conferência Mundial de Estoques Mundiais de Alimentos fora identificado grande escassez, com quebras de safra em importantes países produtores. Nesta perspectiva, a ideia de que a Segurança Alimentar estava quase



feirantes é um papel fundamental da Feira. Para além desta garantia, a Feira comprova a estreita relação entre os conceitos de Segurança Alimentar e Cultura Alimentar. Se, por definição, a cultura alimentar é conjunto de práticas alimentares herdadas de um certo grupo de indivíduos (de uma dada cultura), tendo por base sua relação com o território ocupado (CONTRERAS; GRACIA, 2011, p. 29); é factível afirmar que a manutenção da segurança alimentar no território é também garantida pela preservação e vivência de sua cultura alimentar.

Ainda, é possível observar que as ações de alguns grupos hegemônicos (originários do mercado imobiliário, do turismo e do comércio varejista) podem ter impactado diretamente nos hábitos alimentares locais, propiciando um parcial apagamento de sua cultura alimentar; uma vez que o avanço dos regimes alimentares corporativos¹⁵ que implantam novos hábitos alimentares, baseado em produtos ultraprocessados¹⁶ distanciam cada vez mais a população dos alimentos naturais (e/ou minimamente processados) que são cultivados em seu próprio território. E ainda a falta de políticas públicas que propiciam a inexistência de uma pungente agricultura familiar local, possibilitam um aumento na insegurança alimentar local, além da invisibilização de sua cultura e dos impactos da degradação ambiental advindo do único projeto econômico do município, o turismo.

Entretanto, a existência da Feira é justamente o caminho possível não somente para se compreender o rastro da cultura alimentar de Búzios, a partir da preservação da memória de seu povo e dos recursos naturais existentes, mas também para a valorização da relação de um povo com sua terra.

que exclusivamente ligada a produção agrícola, era dominante. (MALUF; MENEZES; MARQUES, 2000, p. 1)

¹⁵ “(..)forma como se organiza a produção, circulação e distribuição dos produtos alimentares no mundo a partir de um determinado momento histórico no qual se constitui uma divisão internacional do trabalho, o que vai constituir circuitos mundiais de distribuição de alimentos. Atualmente, esse regime caracteriza-se pelo poder de monopólio exercido por grandes corporações transnacionais que atuam na produção, processamento e comercialização de alimentos, bem como na produção de insumos químicos e biotecnológicos e ainda na oferta de financiamento para o setor”(GOLDFARB, 2015, p. 33)

¹⁶ Os produtos ultraprocessados frequentemente parecem comida, têm gosto de comida, têm cheiro de comida, mas são imitação de comida. E devem ser evitados em uma alimentação saudável. Eles são feitos nas fábricas a partir de diversas etapas de processamento e combinam muitos ingredientes que ninguém tem na cozinha de casa. São coisas como proteína de soja e de leite, extrato de carnes, gordura vegetal hidrogenada, xarope de frutose, espessantes, emulsificantes, corantes, aromatizantes, realçadores de sabor e vários outros tipos de aditivos, incluindo substâncias sintetizadas em laboratório a partir de carvão e petróleo, por exemplo (“O que é produto ultraprocessado”, 2017).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados levantados aponta que produção alimentar de um território é pautada na valorização de sua cultura alimentar. É a partir do passado e presente da sociedade que ali vive, que se consegue materializar uma cultura alimentar e sua preservação se torna imperativa não somente pelo seu caráter identitário, mas também cumpre um papel fundamental na questão socioambiental do município. Diante do retrato da concentração fundiária e do avanço dos regimes corporativos alimentares, a terra deixou de ser vista como fonte de vida e de pertencimento. Uma das formas de enfrentamento a esta situação, é a construção de territórios de (re)existência, que tenham por objetivo a valorização das produções alimentares territoriais. Espaços que concebem a alimentação como reflexo de suas identidades como a Feira da Agricultura Familiar de Búzios. Para além destas possibilidades de discussão da relação do *território Feira* com a visibilidade da cultura alimentar (a partir de técnicas e insumos locais), a pesquisa vem demonstrando que um território é feito a partir da existência das pessoas e suas territorialidades.

É possível se trazer como proposição, a valorização um turismo gastronômico de base comunitária, inserindo a população local e sua cultura como um capital turístico. Assim, as possibilidades da atividade turística, de cunho gastronômico, se tornam atividades de apoio e incentivo a preservação das culturas alimentares locais. A partir de políticas públicas para o turismo em parcerias público-privadas (dialogando com as diferentes modalidades das empresas do *trade*), o turismo gastronômico se torna uma forma para a população local levar a experiência aos seus visitantes, desde que sua história e costumes estejam em consonância com as experiências propostas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, M. DA S. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2ª edição ed. [s.l.] Eduardo Alves Melo, 2014.

BRASIL. Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão **Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.seplan.planejamento.gov.br/bitstream/handle/123456789/1024/Plano%20Sociobiodiversidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 out. 2021.

CASSÃO, B. DE S.; FERREIRA, G.; PRANDI, M. B. **A questão do hibridismo cultural na 17ª edição do Festival João Rock** In Revista | ISSN: 1980-6418, v. 9, p. 45–58, 2018.



CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

CORBARI, F. et al. **O regime alimentar corporativo e a resistência desde os mercados alternativos e agroecologia**. Revista Fitos, v. 14, p. 31–41, 31 out. 2020.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 1.a edição: Março de 2003 ed. São Paulo (SP): UNESP, 2005.

GOLDFARB, Y. **Expansão da soja e financeirização da agricultura como expressões recentes do regime alimentar corporativo no brasil e na argentina: o exemplo da Cargill. Soy expansion and agricultural financialization like recent expressions of the corporative**. Revista Nera, n. 28, p. 32–67, 2015.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. [s.l.] Bertrand Brasil, 2004.

IAMARINO, A. **Como um templo de mil anos foi construído em 2013?**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A_Mj7ZOAsZA>. Acesso em: 4 out. 2021

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Armação dos Búzios (RJ) | Cidades e Estados | IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/armacao-dos-buzios.html>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LARTIGUE, M. **Praia de Babel**, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h92Zi5xUeqs&ab_channel=OPer%C3%BAMolhado>. Acesso em: 11 out. 2020

MONTANARI, M. **Comida como Cultura**. 2ª ed. [s.l.] Senac São Paulo; 2ª edição (3 dezembro 2008), 2008.

O QUE É PRODUTO ULTRAPROCESSADO. **Panelinha** Disponível em: <<https://www.panelinha.com.br/blog/alimentacaosaudavel/o-que-e-ultraprocessado>>. Acesso em: 28 out. 2021.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do poder**. Brasília: Ática, 1993.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. TERRITORIALIDADE E IDENTIDADE: UM PATRIMÔNIO NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3–16, 2009.

TURISMO, M. **Rio de Janeiro é o destino preferido dos turistas estrangeiros que visitam o Brasil a lazer - Ministério do Turismo**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5705-rio-destino-preferido-dos-estrangeiros-que-v%C3%AAM-ao-brasil.html>>. Acesso em: 12 out. 2020.

VELASCO, I. H. “Geração digital”: por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. **BBC News Brasil**, 30 out. 2020.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

WU, J. T. et al. Estimating clinical severity of COVID-19 from the transmission dynamics in Wuhan, China. *Nature Medicine*, v. 26, n. 4, p. 506–510, abr. 2020.

XAVIER, M. DE A. P. **Búzios estética, poder e território**, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp002140.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2020